

Os silêncios de Clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil

Resumo

Os silêncios de Clio, acerca das homossexualidades no Brasil, não deixa de ser surpreendente se lembrarmos que, desde a segunda metade do século XX, a historiografia brasileira, seja aquela praticada a partir de uma perspectiva marxista, seja aquela afinada com o pensamento da escola dos *Annales*, introduziu uma série de novos sujeitos, novas abordagens e novas problemáticas. Todavia, tal silêncio, que parece ecoar o “pensamento heterossexual” na produção histórica, está timidamente sendo rompido. Neste artigo, analisamos as condições político-epistemológicas que têm contribuído para despertar Clio de seu longo sono heteronormativo e os desafios propostos à escrita historiográfica a partir da emergência dos estudos *queer*.

Palavras-chave: Historiografia; Homossexualidades; Teoria *Queer*.

Elías Ferreira Veras

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História Cultural, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsita CAPES.
Brasil
eliashistoria@yahoo.com.br

Joana Maria Pedro

Professora Titular do Departamento de História, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pesquisadora do CNPq.
Brasil
joana.maria.pedro@ufsc.br

Para citar este artigo:

VERAS, Elías Ferreira; PEDRO, Joana Maria. Os silêncios de Clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 6, n.13, p. 90 - 109, set./dez. 2014.

DOI: 10.5965/2175180306132014090

<http://dx.doi.org/10.5965/2175180306132014090>

The silences of Clio: the written history and (in)visibility of the homosexualities in Brazil

Abstract

The silences of Clio about the homosexualities in Brazil are still remarkable if taken in consideration that since the second half of the 20th Century the Brazilian historiography, the one based on a Marxist perspective and the one influenced by Annales' school, introduced a serie of new subjects, views and problematics in the debate. However, the silence echoing the "heterosexual thought" in the historical production has been slightly challenged. This paper aims to analyze the political-epistemological conditions that have contributed for Clio's awakening from its heteronormative hibernation and the challenges of the historiography based in the emergence of queer studies.

Keywords: Historiography, Homosexualities, Queer Theory.

Para Igor Queiroz, com afeto.

In memoriam.

Os silêncios de Clio

Nos últimos 40 anos, as homossexualidades¹ no Brasil foram tema de pesquisa, presente quase que exclusivamente de estudos antropológicos e sociológicos.² Os silêncios da história acerca das “sexualidades disparatadas” (FOUCAULT, 2009) não deixam de ser surpreendentes se lembrarmos que, desde a segunda metade do século XX, a escrita da história, seja aquela praticada a partir de uma perspectiva marxista, seja aquela afinada com o pensamento da escola dos *Annales* (BURKE, 1997), introduziu uma série de novos sujeitos, novas abordagens e novas problemáticas. Todavia, esse silêncio, que parece ecoar o “pensamento heterossexual”³ (WITTIG, 2006) na historiografia brasileira, está timidamente sendo rompido.

No presente artigo, sugerimos que, apesar de ainda ocupar um lugar marginal na produção histórica,⁴ as experiências de gays, lésbicas, travestis e transexuais têm despertado o interesse dos/as historiadores/as.⁵ Estaria a história “saindo do armário”?⁶

¹ Utilizamos a palavra “homossexualidades”, no plural, para designar as experiências de gays, lésbicas, travestis e transexuais. Contudo, reconhecemos às críticas dirigidas a este termo, assim como sua tendência à generalização que esconde a multiplicidade das experiências e as transformações históricas que marcam a trajetória dos sujeitos. Na perspectiva empregada neste texto, os sujeitos se constituem atravessados pela pluralidade e multiplicidade dos discursos produzidos pelos dispositivos de poder e os processos de subjetivação historicamente contingentes. Assim, longe de sugerir qualquer ideia de essencialidade e generalidade, o termo “homossexualidades”, conforme o entendemos, aponta justamente para a pluralidade das práticas culturais, afetivas e sexuais, em constante transformação. Para saber mais sobre as diferentes denominações da experiência homossexual, ver: COSTA (1992).

² Ver, a respeito: CARRARA; SIMÕES, 2007.

³ No começo dos anos de 1980, a filósofa, poeta e ativista lésbica Monique Wittig revolucionou o campo dos estudos feministas com a publicação do texto *O pensamento heterossexual* (1978), no qual analisava a heterossexualidade, não como prática sexual, mas, sobretudo, como regime político. Wittig definia o pensamento heterossexual como dispositivo político que se constitui por meio de discursos que produzem e instauram heteronormas em matéria de sexo e de gênero (WITTIG, 2006).

⁴ No último Simpósio Nacional da ANPUH, realizado em 2013, na cidade de Natal (RN), não foi apresentada nenhuma conferência, mesa redonda ou minicurso sobre a temática.

⁵ Em uma das sessões do Simpósio Temático “Como a arte pode transformar a vida: experiências culturais e

Dois instrumentos de pesquisa produzidos pelo historiador James Green lançam luz sobre a (in)visibilidade das homossexualidades nos estudos históricos brasileiros, desnudando seus paradoxos. O primeiro deles, *Homossexualidade no Brasil: uma bibliografia anotada* (2003), escrito em parceria com as pesquisadoras Lance Arney e Marisa Fernandes, corresponde a uma bibliografia acerca das homossexualidades produzidas nas áreas de história e de ciências sociais nas décadas de 1980 e 1990. O segundo, *Frescos Trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)* (2006), organizado por Ronald Polito, constitui uma compilação de trechos de fontes históricas (registros policiais, tratados médicos, revistas e jornais) sobre a homossexualidade masculina no Brasil de 1870 a 1980.

Durante a leitura dos guias de pesquisa, o/a leitor/a perceberá que a antropologia foi pioneira na transformação das experiências homossexuais em reflexão acadêmica, rompendo, desse modo, com a produção médica e jurídica moralista das décadas anteriores aos anos 1970.

Os antropólogos Peter Fry, da Universidade de Campinas (UNICAMP), que na década de 1970 iniciou um debate sobre gênero e homossexualidade a partir de pesquisas sobre o comportamento entre homens da cidade de Belém (PA), e Luiz Mott (2008), da Universidade Federal da Bahia (UFB), fundador do Grupo Gay da Bahia (GGB), são lembrados como pioneiros nessa área de pesquisa no Brasil (ARNEY; GREEN; FERNANDES, 2003). Esses estudos, produzidos pelos próprios sujeitos que assumiam publicamente uma identidade homossexual, emergem como efeito e como elemento integrante das transformações políticas e sociais que marcaram o País nas décadas de 1970 e de 1980 (GREEN, 2000; TREVISAN, 2011).

Nesse mesmo período, enquanto as mulheres se faziam protagonistas da escrita da história, reparando uma tradição que as invisibilizava como sujeitos históricos (SOIHET; PEDRO, 2007), os homossexuais questionavam não apenas a visibilidade

políticas de ontem e de hoje”, coordenado por Margareth Rago e Susel Oliveira da Rosa, durante a ANPUH/2013 foram apresentadas comunicações que analisavam os diferentes aspectos das homossexualidades no Brasil.

⁶ Expressão utilizada na comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), que designa o ato de assumir publicamente a orientação sexual e/ou identidade de gênero.

estigmatizante que associava suas experiências à patologia, como também sua invisibilidade histórico-social.

Os trabalhos de Fry e Mott – mas também a obra do escritor e jornalista João Silvério Trevisan⁷ – são paradigmáticos desse momento histórico de entrada em cena – acadêmico-política – das “questões” homossexuais no Brasil, do mesmo modo que as pesquisas de Green (2000)⁸ representam uma fissura na histórica invisibilidade das homossexualidades na produção histórica brasileira.

João Bôsco Hora Góis (2003) argumenta que a produção de conhecimento sobre o “universo” homossexual por aqueles que reivindicavam politicamente uma identidade homossexual:

[...] representou uma guinada significativa na perspectiva de análise da questão, assim como também aglutinou temas diametralmente opostos daqueles estudados em momentos anteriores. Dessa forma, abandonando a busca das origens ou das causas da homossexualidade e das suas supostas consequências maléficas, partiu-se para uma reflexão sobre a construção social dos significados associados a ela e das dificuldades enfrentadas pelos homossexuais na sociedade brasileira (GOIS, 2003, p. 290).

Essa guinada na perspectiva, observada por Góis, coincide historicamente com o deslocamento da produção de fontes sobre as homossexualidades. De acordo com os autores de *Frescos Trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)*:

[...] o deslocamento de fontes médico-policiais para fontes jornalísticas é um bom indicador das mudanças pelas quais passaram os homossexuais masculinos na sua longa trajetória, ainda longe de ser concluída, em busca de respeito e considerações sociais (GREEN; POLITO, 2006, p.19).

⁷ O livro *Devasso no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*, de Trevisan, publicado originalmente em 1986, é um marco nos estudos das homossexualidades no Brasil. Produto da fusão entre pesquisa histórica e confissão pessoal, a obra é indispensável para a compreensão do protagonismo político, acadêmico e social dos homossexuais no Brasil recente.

⁸ Referimo-nos às pesquisas que deram origem ao livro *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX* (GREEN, 2000).

Ou seja, até a década de 1970, os registros sobre as experiências homossexuais foram produzidos predominantemente pelo campo médico e policial, sendo “raríssimos aqueles que ousaram deixar testemunhos de próprio punho acerca de sua condição, pelo menos até os anos de 1960” (GREEN; POLITO, 2006, p. 17). Na década de 1970, “se vê nascer um movimento de implicações políticas encabeçadas pelos homossexuais”, marcado pela proliferação de fontes produzidas pelos próprios sujeitos.

Contudo, os instrumentos de pesquisa em questão revelam um paradoxo: enquanto *Frescos Trópicos* reúne uma infinidade de fontes históricas a respeito das experiências homossexuais, *Homossexualidade no Brasil* apresenta apenas dois trabalhos produzidos no campo historiográfico - ⁹ *Homossexualismo: mitologias científicas*, de Celeste Zenha Guimarães (1994), e *Reinventando o sonho*, de Cláudio Roberto da Silva (1998).

Ao mesmo tempo em que antropólogos/as e sociólogos/as se debruçavam sobre as novas personagens que “entravam em cena” e as mulheres reescreviam a história a partir de sua inserção nela, a maioria dos/das historiadores/as mantinha silêncio a respeito da barulhenta presença dos homossexuais, que assumiam, cada vez mais, visibilidade na sociedade brasileira a partir da década de 1980¹⁰.

Por que os/as historiadores/as se dedicaram – e ainda se dedicam - tão timidamente ao estudo das homossexualidades? Qualquer familiaridade com a pergunta feita nos anos 1980 por Maria Odila Leite da Silva Dias (o que tornava difícil a história das

⁹ Entendemos o campo historiográfico como aquele que reúne produções históricas, realizadas por historiadores/as nos Programas de História. Os trabalhos de Mott (1986; 1987; 1989) ou de Trevisan (2011), por exemplo, que abordam as homossexualidades no Brasil a partir de uma perspectiva histórica, não são classificados, para efeitos da análise que pretendemos fazer no presente texto, como historiográficos, embora, certamente, sejam de extrema importância para o conhecimento histórico das homossexualidades no Brasil e para a escrita da história.

¹⁰ A emergência da Aids no Brasil (anos de 1980) e sua associação midiaticizada às experiências dos sujeitos homossexuais proporcionou uma visibilidade sem precedentes à homossexualidade na sociedade brasileira. De um lado, reforçou o discurso estigmatizante, ao responsabilizar os homossexuais pela transmissão do vírus HIV; de outro, possibilitou a criação de redes de solidariedade e de diversos grupos de homossexuais com o objetivo de elaborar políticas públicas de prevenção e estratégias de desconstrução da repatologização. No campo acadêmico, contribuiu para a ampliação dos estudos sobre sexualidade e o “universo” homossexual.

mulheres era a ausência de fontes ou sua invisibilidade ideológica?), e lembrada por Joana Maria Pedro (2005, p. 85), não é mera coincidência.

Sem dúvida, a invisibilidade das homossexualidades nos estudos históricos não se justifica pela ausência de fontes. Afinal, as fontes não são elas mesmas produto do processo interpretativo, inventivo da operação historiográfica, resultantes da seleção e classificação feitas pelos/as historiadores/as? Tampouco representam uma aversão dos/as historiadores/as às novas temáticas – há muito os “marginais”, os “vencidos”, os “excluídos”, os “silenciados” povoam os livros de história – ou mesmo ao tema da sexualidade.

Tal invisibilidade pode ser explicada, em parte, pelos mesmos motivos que excluíram as mulheres da escrita da história: sobretudo, pelas escolhas políticas implicadas no fazer historiográfico, que, ao eleger determinados temas – eleição política –, deixavam de lado outros temas, outros sujeitos e outras histórias.

Joana Maria Pedro e Raquel Soihet (2007) argumentam que a tardia utilização no campo da história das categorias analíticas “gênero” e “mulher” – a visibilidade das mulheres nos estudos históricos coincide com a introdução dessas categorias de análise – deveu-se, em certa medida, “ao caráter universal atribuído ao sujeito da história, representado pela categoria ‘homem’. Acreditava-se que, ao falar dos homens, as mulheres estariam sendo, igualmente, contempladas” (p. 284).

Se, por um lado, a invisibilidade das mulheres era produzida pela hegemonia do sujeito masculino universal, por outro, a exclusão das homossexualidades demonstra que os homossexuais nem mesmo como o outro fazem parte da história. Estes sujeitos, na lógica da história tradicional, não seriam o outro, mas o não-humano, uma vez excluídos da humanidade legitimada pela heteronormatividade.

Todavia, apesar das resistências às reflexões sobre as relações de gênero encontradas na disciplina história, amparadas no argumento de que esses estudos seriam uma “história militante e, portanto, ‘não-científica’” (PEDRO; WOLFF 2011, p. 22), a incorporação de novas categorias, como “mulher”, “mulheres” e “gênero” – certamente um dos efeitos político-epistemológicos do movimento feminista – proporcionou uma

renovação na historiografia brasileira, da qual a produção das primeiras pesquisas sobre as experiências homossexuais constitui um elemento integrante.

Embora Góis (2003) tenha argumentado, em artigo sobre os desencontros entre os estudos de gênero e os estudos homoeróticos no Brasil,¹¹ que existia uma “(quase) ausência” de diálogo intelectual entre os campos em questão, a década de 2000 marcou uma aproximação entre os estudos de gênero e os trabalhos sobre as homossexualidades.

A proliferação, a partir dessa década, de trabalhos acadêmicos sobre o “universo travesti” (BENEDETTI, 2005) que empregaram o gênero como categoria de análise; os simpósios temáticos relacionados ao “universo” LGBTT ofertados durante as edições do “Fazendo o Gênero”¹², assim como os dossiês sobre o “universo travesti” e LGBTT publicados, respectivamente, na *Revista de Estudos Feministas* (v. 20, n. 2/2012) e *Cadernos Pagu* (n. 28/2007), parecem constituir uma evidência significativa da presença de interlocução entre os dois campos, o que certamente não elimina suas contradições, conflitos, disputas e tensões.

A antropologia e a sociologia aparecem novamente como pioneiras nesse cenário de aproximação. As pesquisas/orientações empreendidas por Miriam Grossi sobre identidades gays e lésbicas; por Richard Miskolci, sobre teoria *queer*; por Berenice Bento, Larissa Pelúcio, Jorge Leite Junior, Alexandre Fleming, sobre transexualidades/travestilidades; por Júlio Simões, Antonio Cristian S. Paiva (2007), Fernando Pocahy, acerca da homossexualidade masculina, apontam para a intersecção entre os estudos sobre homossexualidades, lesbianidades, transexualidades e travestilidades e a perspectiva de gênero e *queer* com seus atravessamentos foucaultianos¹³.

¹¹ Góis se referia à ausência de debate sobre a categoria gênero nos estudos produzidos acerca das homossexualidades, assim como uma ausência de trabalhos sobre lésbicas, gays, travestis e transexuais em dois dos principais periódicos feministas e de gênero brasileiros (*Revista Estudos Feministas* e *Cadernos Pagu*).

¹² Em setembro de 2013, aconteceu em Florianópolis, Santa Catarina, o 10º “Seminário Internacional Fazendo Gênero: Desafios Atuais dos Feminismos”. Em *Da série Fazendo Gênero: percursos e inquietações*, Jair Zandoná faz uma genealogia do *Fazendo Gênero* e sua importância para a configuração e diversificação dos estudos de gênero no Brasil (Texto inédito).

¹³ A relação de pesquisadores/as das ciências sociais que se têm dedicado a analisar as homossexualidades a

Esses estudos contribuíram para a pluralização das temáticas abordadas, ampliando e complexificando os horizontes teóricos e metodológicos. Produziram registros históricos sobre a diversificação identitária presente no Brasil nas últimas décadas. São produtos do engajamento de pesquisadoras/es, em sua maioria ligadas/os aos movimentos feministas e aos LGBT, que demonstram que a visibilidade de determinadas temáticas na produção acadêmica, mais do que uma operação intelectual, é uma operação política.

E quanto à produção histórica, como esta se configura uma década depois da publicação dos instrumentos de pesquisa citados acima e, principalmente, depois do lançamento do livro *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX* (2000), pesquisa pioneira de James Green sobre a homossexualidade no Brasil?

O despertar de Clio

O levantamento das pesquisas¹⁴ produzidas no campo da história sobre homossexualidades aponta para a íntima solidariedade entre essa temática e as historiadoras ligadas à “História das Mulheres e das Relações de Gênero”¹⁵; também para os laços de solidariedade costurados pelo pensamento de Michel Foucault, especialmente suas reflexões sobre as relações de poder que constituem historicamente os dispositivos da sexualidade. Podemos afirmar que, apesar do discreto número de trabalhos, já não se

partir de uma perspectiva de gênero e da teoria *queer* é certamente mais ampla, impossível de ser descrita em sua totalidade. Destacamos aquele/as que escrevem sobre o tema, orientam pesquisas (monografias, dissertações e teses) e coordenam grupos de estudo/pesquisa. Eles desenham o panorama da atual geografia dos estudos de gênero e das homossexualidades no Brasil. Essa geografia está se expandindo para outras áreas do conhecimento, como a educação, a literatura, a comunicação social, as artes, a geografia, a filosofia, dentre outras.

¹⁴ Certamente, a relação das pesquisas produzidas no campo da história sobre homossexualidades é mais extensa. Este artigo não pretende ser um levantamento exaustivo dessas pesquisas, mas, a partir do destaque de alguns títulos, apresentar uma amostra do recente interesse que caracteriza parte da historiografia nacional, especialmente a constituída por historiadoras/es da história das mulheres, das relações de gênero e/ou da perspectiva foucaultiana.

¹⁵ O historiador Albuquerque Junior tem eventualmente escrito sobre as homossexualidades a partir de uma perspectiva foucaultiana da história. Ver, por exemplo: *O Descarado, a Cara-Metade, o Rosto* (2014), *A pastoral do silêncio...* (2012), *Amores que não têm tempo...* (2010), *Epifanias da homoafetividade...* (2008), dentre outros.

pode duvidar – ainda que se lhe possa resistir – da possibilidade de uma historiografia das homossexualidades no Brasil.

O livro *Além do Carnaval*, do historiador James Green, resultante de rica pesquisa sobre a homossexualidade masculina no Brasil de fins do século XIX ao início dos anos 1980, certamente contribuiu para a legitimação acadêmica da temática, transformando-se em bibliografia obrigatória nos trabalhos que se seguiram. À pesquisa de Green, que analisa sobretudo as experiências das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, somam-se pesquisas realizadas em diferentes regiões do Brasil, que buscam destacar a pluralidade das experiências de gays, lésbicas, travestis e transexuais em diferentes contextos.

A dissertação *A metamorfose encarnada: travestismo em Londrina (1970-1980)*, de José Carlos de Araújo Junior (2006), e a tese *Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop: amores e desencontros no Rio dos anos 1950-1960*, de Nadia Cristina Nogueira (2005), orientadas pela historiadora Margareth Rago (UNICAMP); a tese *O homossexual respeitável: elaborações, impasses e modo de uma experiência subjetiva*, de Eduardo Moreira Assis (2011), orientada por Denise Sant'Anna (PUC/SP); a tese *De Daniele a Chrysóstomo: quando travestis, bonecas e homossexuais entram em cena*, de Rita de Cássia Colaço Rodrigues (2012), orientada por Raquel Soihet (UFF), revelam que a predominância da análise da homossexualidade masculina, presente nas primeiras pesquisas antropológicas, inclusive na pesquisa pioneira de Green, compartilha a atenção dos/as historiadores/as com outras temáticas (lesbianidades, transexualidades e travestilidades).

Por sua vez, as pesquisas da historiadora Tânia Navarro Swain,¹⁶ que abordam as experiências das mulheres lésbicas a partir de uma perspectiva feminista, indicam que a quase invisibilidade dessas experiências, observada por Green (2003) na bibliografia sobre a produção homossexual nas ciências sociais brasileiras nas décadas de 1980 e 1990, já não se faz presente.

¹⁶ Navarro-Swain é uma das editoras da revista de estudos feministas *Labrys*. A publicação *online* tem o objetivo de divulgar o conhecimento produzido pelas mulheres e servir de ferramenta para a transformação da realidade desde o pensamento feminista. Suas edições encontram-se disponíveis em: <http://www.tanianavarrowswain.com.br/labrys/>. Acesso em: 20 abr. 2014.

Os trabalhos desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), particularmente na linha de pesquisa “Relações de Poder e Subjetividades”, têm contribuído para a vitalização, diversificação e configuração, senão de um campo específico de estudo, de uma tendência nos estudos historiográficos brasileiros: a entrada em cena das homossexualidades analisadas em sua pluralidade.

Naquele programa,¹⁷ foram defendidas, em 2014, as dissertações *As sexualidades desviantes nas páginas do jornal Diário Catarinense (1986 – 2006)*, de Igor Henrique Lopes de Queiroz, e *A força de uma palavra: homofobia nas páginas da folha de São Paulo (1986-2011)*, de Maurício Pereira Gomes (2014). Está em fase de conclusão a dissertação *A performatividade do cárcere: uma possibilidade de trânsito no intransitável*, de Camila Diane Silva e a tese *Além do paetê: produção discursiva e subjetividades travestis em Fortaleza – CE (1970-2000)*, de Elias Ferreira Veras. Tais estudos foram orientados por Joana Maria Pedro, Roselane Neckel, Cristina Scheibe Wolff, Janine Gomes da Silva e Rogério de Souza, cujas trajetórias são marcadas pelo diálogo com o pensamento/movimento feminista e pela divulgação do gênero como categoria útil de análise histórica.

Ao destacar os nomes das orientadoras e do orientador, não pretendemos inserir esses trabalhos em uma genealogia do matriarcado, mas mostrar que, a despeito das resistências, das dificuldades, dos conflitos, das diferentes concepções de gênero que fazem da escrita da história uma arena de disputas políticas, as/os historiadoras/es ligadas/os à história das relações de gênero têm acolhido os estudos das

¹⁷ As pesquisas que abordam as homossexualidades a partir de uma perspectiva de gênero e *queer* não se restringem ao Programa de História da UFSC, mas se estendem às outras disciplinas desta universidade, como a psicologia, com trabalhos desenvolvidos/orientados por Mara Lago; a antropologia/sociologia, por Miriam Grossi, Carmem Rial e Luzinete Simões; a literatura, por Pedro de Souza. O Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC, que reúne algumas das professoras citadas, é um exemplo de como os estudos de gênero e as questões relacionadas à questão homossexual está em expansão. Para efeito de exemplo, estão em desenvolvimento, naquele programa, as pesquisas de Simone Ávila, sobre as experiências dos transhomens; de Rafael Saldanha, sobre os sujeitos que oferecem serviços sexuais no site CAM4, e de Maurício Pereira, sobre homossexualidades nas novelas da Rede Globo.

homossexualidades e enfrentado os desafios de reescrever a história a partir de outros paradigmas.

Esses trabalhos são indícios da renovação epistemológica da escrita da história, produtos da recente aproximação entre historiadores/as que se lançam à beira da falésia que os estudos das sexualidades dissidentes no Brasil ainda representam.

Apropriando-nos das observações de Carrara e Simões (2007), elaboradas para o campo da antropologia, podemos afirmar que essa nova historiografia apresenta influências das vertentes pós-estruturalistas e dos estudos *queer*, que enfatizam a instabilidade/fluidez das identidades sexuais e a imbricação da sexualidade em relações de poder e em hierarquias sociais dinâmicas e contextuais.

Todavia, apesar da maior recepção dos temas relacionados às homossexualidades pelos programas de história, da incorporação do gênero como categoria de análise (SCOTT, 1990) e da aproximação de alguns/as historiadores das reflexões pós-identitárias, como a teoria *queer*, os pressupostos interpretativos baseados na dicotômica dos gêneros continuam a nortear a disciplina, repetindo “incansavelmente a existência binária de gêneros fundados em corpos sexuais” (NAVARRO-SWAIN, 2008, p. 35).

Neste sentido, o diálogo com a teoria *queer* pode contribuir para a ampliação dos limites dos estudos de gênero, ao enfatizar, por exemplo, os perigos do essencialismo. Pode, sobretudo, desmontar a matriz heterossexual (BUTLER, 2003), que marca o fazer historiográfico hegemônico e seus efeitos misóginos e homofóbicos.

Teoria Queer: uma perspectiva útil para a análise histórica

Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. Um insulto que tem, para usar o argumento de Judith Butler, a força de uma invocação sempre repetida, um insulto que ecoa e reitera os gritos de muitos grupos homófobos, ao longo do tempo, e que, por isso, adquire força, conferindo um lugar discriminado e abjeto àqueles a quem é dirigido. Este termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais

precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação (LOURO, 2001, p. 546).

Guacira Lopes Louro¹⁸ foi uma das primeiras autoras a escrever sobre teoria *queer* no Brasil, reivindicando esta perspectiva para o campo da educação. Ela esclarece que essa teoria/política se insere num contexto marcado por uma série de mudanças sociais (as reivindicações políticas das chamadas minorias sexuais) e epistemológicas (notadamente de inspiração pós-estruturalista)¹⁹.

De acordo com a autora, a teoria *queer* tem como principal alvo de crítica a racionalidade moderna, centrada nos binarismos, e as fronteiras tradicionais de gênero/sexo, estabelecidas e reiteradas pela heteronormatividade compulsória. Desse modo, constitui-se na relação conflituosa entre os movimentos feministas, homossexuais (compreendidos aqui em suas multiplicidades e contradições) e a produção acadêmica (LOURO, 2001).

Judith Butler é a teórica *queer* que assumiu maior visibilidade no Brasil. No seu livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2003), a filósofa empreende uma crítica radical à política de identidade construída por parte do movimento feminista, por considerá-la essencialista, naturalizante e assimilacionista. Embora reconheça o lugar estratégico dessa política na afirmação e na ocupação de (outros) lugares políticos/sociais, pergunta se essa política também não produziu um efeito regulador e excludente ao afirmar, contornar, limitar, restringir uma posição de sujeito unificadora.

¹⁸ Além dos diversos artigos, capítulos e organização de livros sobre a teoria *queer* a partir de uma perspectiva butleriana, Louro traduziu para o português o livro *Judith Butler e a Teoria Queer*, de Sara Salih.

¹⁹ Miskolci (2012) afirma que, embora se tenha cristalizado nos Estados Unidos na segunda metade da década de 1980, a teoria *queer* insere-se no contexto de abertura proporcionada pelos novos movimentos sociais surgidos duas décadas antes, sobretudo o movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos, o movimento feminista e o movimento homossexual e se efetiva como política radical em meio à crise da Aids. O sociólogo aponta, entre os percussores da teoria *queer*: Guy Hocquenghem, pensador francês, autor do livro *O desejo homossexual*; Gayle Rubin, antropóloga feminista, autora do ensaio *Pensando sobre o sexo* (1984), e Nestor Perlongher, pesquisador argentino-brasileiro, autor do livro *O negocio do michê* (2008).

Os estudos brasileiros sobre sexualidade e gênero se apropriaram, inicial e principalmente, da noção de performatividade de gênero elaborada por Butler²⁰. Seguindo as reflexões dessa filósofa, os/as pesquisadores/as entenderam que as normas regulatórias dos sexos e do gênero assumem um caráter performativo que, através de reiteradas repetições, produzem e materializam aquilo que nomeiam a partir de uma matriz heterossexual, que, por sua vez, reitera de modo compulsório a heterossexualidade.

Contudo, se Butler avançou na questão da performatividade do gênero, inspirando diversos trabalhos no Brasil, a filósofa Beatriz Preciado vem assumindo significativa visibilidade no cenário nacional. Segundo a autora:

O gênero não é simplesmente performativo (quer dizer, um efeito das práticas culturais linguístico-discursivas), como havia querido Judith Butler. O gênero é, antes de tudo, protético, quer dizer, não se dá senão na materialidade dos corpos. É puramente construído e ao mesmo tempo inteiramente orgânico. Escapa às falsas dicotomias metafísicas entre corpo e alma, forma e matéria (PRECIADO, 2011, p. 21, tradução nossa).

Como se pode perceber, a inicial concepção de gênero como “primeiro modo de dar significado às relações de poder e um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos” (SCOTT, 1990), que tanto influenciou a historiografia das relações de gênero, expandiu-se, refez-se, desfez-se.

De acordo com Butler, o *queer* seria uma nova política de gênero, por meio da qual os sujeitos lutam para desconstruir as normas que os constituem como sujeitos (MISKOLCI, 2012). No campo historiográfico, somos de opinião que o *queer* pode representar uma nova apropriação do gênero como categoria útil de análise histórica. Através dessa perspectiva, podemos historiar e desconstruir os dispositivos de produção dos corpos sexuais-normatizados-heterossexualizados-abjetos.

Porém, a abordagem *queer* não sugere, no campo da história, somente a inserção das experiências abjetas, a reconfiguração da categoria gênero ou a análise

²⁰ Para uma análise crítica da apropriação pelos estudos brasileiros da noção de performatividade, ver: MISKOLCI; PELÚCIO (2007).

desconstrutivista dos dispositivos da sexualidade. Uma escrita da história que leve em consideração tal perspectiva acena para uma mudança epistemológica que efetivamente rompa com a lógica binária e com seus efeitos de classificação e exclusão.

Desse modo, a operação historiográfica *queer* funcionaria como ferramenta para a desconstrução da construção histórica dos binômios homem/mulher, masculino/feminino, heterossexual/homossexual, norma/anormal, centro/periferia, natureza/cultura; desconstrução da constituição desses pares; desnudamento das relações de poder (lembremo-nos de Michel Foucault!) que os legitimam; crítica aos dispositivos de produção de abjeção, estigmatização e exclusão. Desconstrução, deslocamento e reconfiguração.

Considerações finais ou por um diálogo entre Clio e hermafrodito

Se, conforme pensada por Scott, a categoria gênero promoveu uma crise na historiografia tradicional nos anos 1990, não resta dúvida de que, no alvorecer do novo milênio, é a própria categoria pensada como sinônimo de homem e mulher essencializados que está em crise. Contudo, contemos as lágrimas. Nos combates pela história, Clio-Fênix quase sempre ressurgem de outras histórias possíveis.

Assim, se as mulheres interrogaram a historiografia a respeito da sua invisibilidade, interpelando o paradigma da história baseado na universalidade do masculino, os estudos sobre o “universo” homossexual também partiram do questionamento da invisibilidade do sujeito homossexual, lésbico, travesti e transexual. Tais estudos não interpelam apenas a universalidade do masculino, mas, sobretudo, a universalidade da matriz heterossexual.

Como alerta Navarro-Swain (2008), o silêncio da história acerca das experiências das mulheres e das homossexualidades é um silêncio político. Quebrar esse silêncio significa fazer uma releitura das fontes utilizadas nas narrativas históricas, bem como realizar uma crítica ao fazer historiográfico tradicional.

Essa crítica, no entanto, não objetiva reivindicar uma história que privilegie o sujeito homossexual ou uma história baseada apenas na visibilidade dos homossexuais – escutemos Scott (1998) e sua crítica à “visibilidade da experiência” –; afinal, décadas de pesquisas desenvolvidas pela “História das Mulheres e das Relações de Gênero” ensinaram aos/as historiadores/as contemporâneos/as, mesmo aos/as mais surdos/as às novas abordagens, aos/as mais apegados/as aos velhos paradigmas, que a história é construída de modo relacional²¹.

A potência dos estudos das homossexualidades a partir de uma perspectiva *queer*, especialmente no campo da história – o mais resistente à temática –, está na possibilidade de crítica à heterossexualidade como norma (BUTLER, 2003), como regime político (WITTIG, 2006) que produz compulsivamente homens e mulheres definidos a partir dos seus sexos biológicos, operação fundante das desigualdades entre os sexos, que exclui homossexuais, lésbicas, travestis e transexuais, não apenas da escrita historiográfica, mas da própria condição de humanos.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História: a arte de inventar o passado**. São Paulo: Edusc, 2007.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Epifanias da homoafetividade ou o choque anafilático sofrido por Anthony Giddens ao ingerir Caio Fernando Abreu. In: **Bagoas: Revista de Estudos Gays**, v. 2, p. 133-151, 2008.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Amores que não têm tempo: Michel Foucault e as reflexões acerca de uma estética da existência homossexual. **Revista Aulas**, Campinas: UNICAMP, v. 7, p. 41-58, 2010.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. A Pastoral do Silêncio: Michel Foucault e a dialética entre revelar e silenciar no discurso cristão. In: CANDIOTTO, Cesar e SOUZA, Pedro de. (Org.). **Foucault e o cristianismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 129-146.

²¹ Miskolci (2012, p. 25) lembra que o *queer* não é uma defesa da homossexualidade; é a “recusa dos valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha da abjeção, essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo”.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. O Descarado, a Cara-Metade, o Rosto: Michel Foucault e a análise do discurso do movimento homossexual. **Cadernos Discursivos**, v. 01, p. 01-20, 2014.

ARAUJO JUNIOR, José Carlos de. **A metamorfose encarnada**: travestis em Londrina. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Campinas, Departamento de História, Campinas, 2006.

ARNEY, Lance.; FERNANDES, Marisa. e GREEN, James Naylor. **Homossexualidade no Brasil**: uma bibliografia anotada. **Cad. AEL**, v. 10, n. 18/19, 2003.

ASSIS, Eduardo Moreira. **O homossexual respeitável**. 2011. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: a revolução francesa da historiografia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Júlio de Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. **Cadernos Pagu** Campinas: UNICAMP, v. 28, p. 65-99, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

GOIS, João Bôsko Hora. Desencontros: as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil. **Revista de Estudos Feministas**. v.11, n.1, p. 289-297, 2003.

GOMES, Maurício Pereira. **A força de uma palavra**: homofobia nas páginas da Folha de São Paulo (1986-2011). 2014. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014

GREEN, James. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

GREEN, James; POLITO, Ronald. **Frescos trópicos**: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista de Estudos Feministas**, a. 9, n. 542, p. 541 a 553, 2º sem., 2001.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Outras histórias: as mulheres e estudos de gênero – percursos e possibilidades. In: MATOS, Maria Izilda Santos de e SOLLER, Maria Angelica. (Org.). **Gênero em debate**. São Paulo: EDUC, 199, p. 83-114,

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**. Porto Alegre: PPGS-UFRGS, n. 21 p.150-182, 2009. _____ . **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MISKOLCI, Richard. PELÚCIO, Larissa . Fora do sujeito e fora do lugar: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis. **Gênero**, v. 07, p. 257-267, 2007.

MOTT, Luiz. Escravidão e homossexualidade. In: VAINFAS, Ronaldo. (Org.). **História e sexualidade no Brasil**. Rio de Janeiro:Graal, 1986. p. 137-154.

MOTT, Luiz. História, construção e limites da memória social. In: RAGO, Margareth; FUNARI, Pedro Paulo. (Org.). **Subjetividades antigas e modernas**. São Paulo:Annablume , 2008, p. 26-45

MOTT, Luiz. **O lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

MOTT, Luiz. Lesbianismo: cartografia de uma interrogação. In: Silvana GOELLNER, Silvana; SOUZA, Jane de; (Org.). **Corpo, gênero, sexualidade**. Porto Alegre: FURG, 2007, p. 9-17.

MOTT, Luiz. **O sexo proibido: virgens, gays e escravos nas garras da inquisição**. Campinas, Papyrus, 1989.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. História: construção e limites da memória social. In: RAGO, Margareth; FUNARI, Pedro Paulo (org). **Subjetividades antigas e modernas**. São Paulo: Annablume, 2008, pp. 29-46.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. **O que é o lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

NOGUEIRA, Nadia Cristina. **Lota e Bishop: amores e desencontros no Rio dos anos 50**. 2005. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Campinas, Departamento de História, Campinas, 2005.

PAIVA, Antônio Cristian S. **Reservados e invisíveis: o ethos íntimo das parcerias homoeróticas**. São Paulo: Pontes, 2007.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, v.24, n. 1, p. 77-98, 2005.

PEDRO, Joana Maria; WOLF, Cristina Scheibe; A pesquisa sobre gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul: um relato de viagens e algumas reflexões. In: PEDRO, Joana Maria;

WOLF, Cristina Scheibe; VEIGA, Ana Maria (org). **Resistências, gênero e feminismo contra as ditaduras no Cone Sul**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011, pp. 19-43.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Queer nos trópicos. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v. 2, n. 2, jul.-dez. 2012, p. 371-394.

PRECIADO, Beatriz. **Manifiesto contra-sexual**. Madrid:Opera Prima,2011. .

PRECIADO, Beatriz. **Testo yonqui**. Madrid: Espasa, 2008.

QUEIROZ, Igor Henrique Lopes de. **As sexualidades desviantes nas páginas do jornal Diário Catarinense (1986-2006)**. 2014. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2014.

RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. **De Daniele a Chrysóstomo: quando travestis, bonecas e homossexuais entram em cena**. 2012. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2012. SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n. 2, p. 5-22, jul./dez., 1990.

RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. A Invisibilidade da Experiência. **Projeto História**, n. 16, São Paulo, p. 303-304, 1998.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. **Revista Brasileira História**, v.27, n. 54, p. 281-300, 2007.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**. Madrid: Egales, 2006.

Os silêncios de Clío: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil
Elias Ferreira Veras, Joana Maria Pedro

Recebido em 18/05/2014
Aprovado em 09/12/2014

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em História - PPGH

Revista Tempo e Argumento
Volume 06 - Número 13 - Ano 2014
tempoeargumento@gmail.com